

---

**A FUNÇÃO PATERNA E SUAS REPERCUSSÕES NO DESENVOLVIMENTO  
PSÍQUICO**

Ana Alice Fugimoto Saruwatari<sup>1</sup>

**RESUMO**

A função paterna é essencial na constituição do psiquismo, atuando como mediadora entre a criança e a realidade externa. Freud destaca sua importância no complexo de Édipo, onde o pai introduz a lei e possibilita a formação do Superego, sendo peça-chave no processo de socialização. Winnicott, por sua vez, amplia essa perspectiva ao considerar o pai uma base segura para o desenvolvimento emocional, ao lado da mãe. Este artigo discute a função paterna na estruturação do aparelho psíquico (Id, Ego e Superego) e suas repercussões no desenvolvimento da subjetividade. Além disso, analisa os impactos da ausência ou falha na função paterna e suas consequências para a construção da identidade e para a saúde psíquica do indivíduo.

**Palavras-chave:** função paterna; complexo de Édipo; desenvolvimento psíquico; psicanálise; Freud; Winnicott.

**ABSTRACT**

The paternal function is essential in the constitution of the psyche, acting as a mediator between the child and external reality. Freud highlights its importance in the Oedipus complex, where the father introduces the law and enables the formation of the Superego, being a key player in the socialization process. Winnicott, in turn, broadens this perspective by considering the father a secure base for emotional development, alongside the mother. This article discusses the paternal function in the structuring of the psychic apparatus (Id, Ego and Superego) and its repercussions on the development of subjectivity. In addition, it analyzes the impacts of the absence or failure of the paternal function and its consequences for the construction of identity and the psychic health of the individual.

**Keywords:** paternal function; Oedipus complex; psychic development; psychoanalysis; Freud; Winnicott.

---

<sup>1</sup> Docente do curso de Psicologia e Psicanálise Clínica – UniFil, Psicóloga clínica Especialista em Saúde mental, Psicanálise Clínica, terapias psicodinâmicas.

## **1 INTRODUÇÃO**

A função paterna, na psicanálise, refere-se ao papel estruturante do pai na introdução da lei, na regulação do desejo e na inserção da criança na cultura e na sociedade, sendo o ambiente familiar o primeiro núcleo de socialização (Freud, 1923). Desde os primeiros anos de vida, a presença de uma figura paterna exerce um impacto significativo na construção da identidade e no desenvolvimento emocional do sujeito. Freud (1905), ao desenvolver o conceito do complexo de Édipo, demonstrou como o pai, ao impor a castração simbólica, possibilita a formação do Superego e o amadurecimento psíquico. Esse processo é essencial para que a criança internalize normas sociais, desenvolva a capacidade de lidar com frustrações e construa sua subjetividade.

Winnicott (1975) amplia essa perspectiva ao destacar a função paterna como base de segurança emocional para a criança. Para ele, a presença do pai não se restringe à interdição edípica, mas também oferece suporte para que a mãe desempenhe sua função de maneira suficientemente boa. Dessa forma, a função paterna não se limita à figura biológica do pai, mas pode ser desempenhada por qualquer instância que exerça o papel de interdição e sustentação emocional, auxiliando na transição da dependência para a autonomia.

No contexto contemporâneo, essa função se ressignifica à medida que as configurações familiares se diversificam e novas demandas emocionais e sociais surgem. A maneira como os responsáveis estabelecem limites, transmitem valores e oferecem suporte afetivo influencia diretamente a estruturação psíquica do sujeito. A ausência ou fragilidade da função paterna pode acarretar dificuldades na simbolização, na formação da identidade e na construção de relações interpessoais saudáveis.

Diante dessa complexidade, este artigo tem como objetivo discutir a função paterna na constituição do psiquismo, analisando sua relação com as instâncias psíquicas (Id, Ego e Superego), suas repercussões no desenvolvimento da subjetividade e os impactos da ausência paterna. Além disso, busca refletir sobre como essa função se adapta às transformações socioculturais e aos desafios das novas configurações familiares.

A função paterna, na psicanálise, refere-se ao papel estruturante do pai na introdução da lei, na regulação do desejo e na inserção da criança na cultura e na sociedade, sendo o primeiro núcleo de socialização o ambiente familiar (Freud, 1923). Freud, ao desenvolver o conceito do complexo de Édipo, demonstrou como o pai, ao impor a castração simbólica, possibilita a

formação do Superego e o amadurecimento psíquico. Sendo ele a figura estruturante, tem um papel crucial na introdução da lei, na regulação do desejo e na inserção da criança na cultura e na sociedade. A análise da função paterna à luz das instâncias psíquicas (Id, Ego e Superego), conforme proposto por Freud, permite compreender como essa função atua na formação do caráter e na estruturação da personalidade. Além disso, a ausência ou fragilidade da função paterna pode gerar consequências significativas no desenvolvimento emocional e na construção da subjetividade do indivíduo. Winnicott (1975) amplia essa perspectiva, enfatizando o pai como base de segurança emocional para a criança, oferecendo suporte para que a mãe desempenhe sua função de maneira suficientemente boa.

Dessa forma, a função paterna não se limita à figura biológica do pai, mas abarca qualquer instância que exerça o papel de interdição e sustentação emocional. Na contemporaneidade, essa função se manifesta na maneira como os responsáveis estabelecem limites, transmitem valores e oferecem suporte afetivo. Assim, a ausência ou fragilidade da função paterna pode acarretar dificuldades na estruturação psíquica, na simbolização e na construção da subjetividade.

Este artigo tem como objetivo discutir a função paterna na constituição do psiquismo, analisando sua relação com as instâncias psíquicas (Id, Ego e Superego), suas repercussões no desenvolvimento da subjetividade e os impactos da ausência paterna. Além disso, aborda como essa função se ressignifica diante das novas dinâmicas familiares e sociais.

## **2 A FUNÇÃO PATERNA NA TEORIA FREUDIANA**

Freud (1923) destaca a função paterna como essencial na resolução do complexo de Édipo, momento em que a criança experimenta o desejo pelo genitor do sexo oposto e rivaliza com o do mesmo sexo. A intervenção do pai impõe um limite ao desejo incestuoso, promovendo a castração simbólica, fundamental para a formação do Superego, responsável pela internalização das normas sociais e morais.

As instâncias psíquicas - Id, Ego e Superego - desempenham papéis cruciais na organização psíquica e na interação do indivíduo com o mundo. A função paterna, ao impor a castração simbólica, regula os impulsos da criança e estabelece limites para a sexualidade e a moralidade, essenciais para o desenvolvimento de um Superego saudável. Esse processo de interdição do desejo é decisivo para a estruturação psíquica e o equilíbrio entre as instâncias.

O Id, representando os impulsos primitivos, e o Ego, que media a adaptação à realidade, são influenciados pela função paterna, que ajuda a criança a gerir seus desejos e a se ajustar à realidade de maneira equilibrada. A ausência ou falha dessa função pode gerar desequilíbrios nas instâncias psíquicas, comprometendo o desenvolvimento do Ego e a formação de um Superego disfuncional.

Quando a função paterna é ausente ou comprometida, pode ocorrer um desequilíbrio entre essas instâncias, o que pode resultar em dificuldades no desenvolvimento do Ego e na formação de um Superego inadequado.

Para Juan-David Nasio (2010, p. 43), a função paterna não se refere apenas à presença do pai biológico, mas à existência de um terceiro elemento que “introduz a falta, rompe a fusão com a mãe e permite que a criança entre no universo da linguagem e da cultura”. Essa separação simbólica é essencial para que o indivíduo possa desenvolver sua identidade e subjetividade e aprenda a lidar com limites e frustrações.

Na atualidade, a função paterna pode ser observada, por exemplo, na mediação do uso da tecnologia pelas crianças. Muitos pais enfrentam o desafio de impor limites ao uso excessivo de telas, redes sociais e jogos eletrônicos. Quando o pai (função paterna) estabelece regras claras sobre o tempo de uso e incentiva a criança a lidar com frustrações sem a imediata gratificação da tecnologia, ele está exercendo sua função simbólica de castração, ajudando no desenvolvimento da capacidade de lidar com frustrações e para a formação da autonomia emocional.

A ausência dessa função pode ser percebida em crianças que têm dificuldades para aceitar limites e que apresentam desafios ao lidar com recusas ou ao se concentrar em tarefas que demandam paciência e dedicação. Isso ilustra como a função paterna, mesmo em novos contextos, continua essencial para a estruturação do sujeito.

## **2.1 O Pai em Winnicott: Base de Segurança e Desenvolvimento Emocional**

Para Winnicott (1975), a função paterna vai além da imposição da lei e da interdição edípica. Ele destaca o papel do pai como base de sustentação emocional, essencial para que a mãe possa exercer sua função de maneira suficientemente boa. Diferente da visão freudiana, que coloca o pai como aquele que separa a criança da mãe, Winnicott enfatiza a importância de uma transição gradativa, onde o pai atua como um mediador e suporte para ambos.

Durante os primeiros meses de vida, o recém-nascido depende totalmente da sua mãe. Contudo, para que ela consiga exercer sua função de forma saudável, é essencial que ela se sinta emocionalmente apoiada. Nesse contexto, a participação de um pai cuidadoso e sensível influencia diretamente a qualidade dos cuidados oferecidos pela mãe. O pai não só defende a relação entre mãe e bebê das pressões externas, mas também oferece validação emocional à mulher enquanto ela atravessa sua jornada de maternidade.

José Outeiral (2012, p. 57) enfatiza esse papel ao afirmar que “a função paterna, antes de ser exercida sobre a criança, deve ser desempenhada sobre a mãe, garantindo que ela tenha condições emocionais de cuidar do bebê de maneira estável e confiável”. Dessa forma, o pai não entra na relação apenas como aquele que separa, mas como aquele que fortalece os vínculos iniciais, ajudando a criar um ambiente seguro para o desenvolvimento infantil.

Na realidade contemporânea, essa função paterna pode ser observada no apoio que muitos pais oferecem durante a gravidez, no puerpério e nos primeiros anos de vida da criança. Um exemplo claro é a participação paterna no cuidado do bebê, dividindo responsabilidades como trocar fraldas, acalmar choros e compartilhar tarefas domésticas. Quando o pai assume esse papel ativo, ele reduz o estresse materno e fortalece o vínculo da mãe com o bebê, permitindo que ela seja uma mãe suficientemente boa, no sentido winnicottiano.

Em contrapartida, a falta desse apoio pode levar a uma carga excessiva para a mãe, prejudicando o relacionamento entre ela e o bebê. Muitas mães que não têm suporte na criação dos filhos podem experimentar uma sensação de desgaste emocional, o que influencia negativamente sua habilidade de proporcionar um ambiente estável e seguro para a criança. Essa situação pode afetar o desenvolvimento emocional do bebê, mostrando que o papel do pai transcende a interação direta com a criança e se inicia no auxílio à maternidade.

Dessa forma, enquanto Freud foca na interdição paterna, Winnicott amplia a compreensão do papel do pai como suporte emocional essencial para o amadurecimento psíquico da criança.

## **2.2 Freud e Winnicott: Diferentes Enfoques, uma Compreensão Ampliada da Função Paterna**

A psicanálise nos ensina que diferentes abordagens teóricas não precisam se excluir; ao contrário, podem dialogar e ampliar nossa compreensão sobre um fenômeno psíquico. Quando

falamos da função paterna, tanto Freud quanto Winnicott nos oferecem perspectivas fundamentais, que, apesar de distintas, convergem para a mesma conclusão: a presença paterna desempenha um papel essencial na constituição do sujeito.

Para Freud (1923), a função do pai está centrada na interdição e na castração simbólica. No complexo de Édipo, o pai representa a lei, o limite que separa a criança do desejo incestuoso e a insere no mundo da cultura. A partir dessa interdição, ocorre a formação do Superego, estrutura psíquica responsável pela internalização das normas sociais. Freud vê a função paterna como uma ruptura necessária, uma intervenção que separa a criança da mãe e a lança na realidade simbólica.

Winnicott (1975), por sua vez, desloca o foco da função paterna para um campo mais afetivo e sustentador. Para ele, o pai não entra em cena apenas para interditar, mas, antes disso, para sustentar emocionalmente tanto a mãe quanto a criança. O pai é aquele que permite que a mãe seja suficientemente boa, protegendo-a de excessos emocionais e garantindo que ela consiga se vincular ao bebê de maneira saudável. Além disso, o pai desempenha um papel crucial na transição da dependência absoluta para rumo a independência, ajudando a criança a suportar frustrações e a construir sua autonomia.

Se Freud nos ensina que o pai é aquele que separa, Winnicott nos lembra que o pai também é aquele que sustenta. Não há contradição entre essas visões, mas sim um complemento necessário. A interdição só pode ser bem-sucedida se houver um suporte afetivo que prepare o terreno para que a criança lide com a perda e a ausência. Da mesma forma, a sustentação afetiva do pai precisa, em algum momento, dar lugar à introdução da lei, para que o sujeito possa se estruturar psiquicamente.

A função paterna não pode ser reduzida a um único conceito; ela é um processo dinâmico que transita entre a segurança e o limite, entre o acolhimento e a separação. Como um farol que ilumina o caminho sem impedir o trajeto, o pai é, ao mesmo tempo, aquele que orienta e aquele que ensina a seguir em frente sozinho.

### **2.3 Repercussões da Função Paterna no Desenvolvimento Psíquico**

A função paterna exerce um papel estruturante no psiquismo da criança, favorecendo a constituição do sujeito e sua inserção na cultura. Suas principais repercussões incluem:

- Formação da identidade: A internalização da figura paterna oferece um modelo de identificação fundamental para a construção do self.
- Tolerância à frustração: O pai, ao estabelecer limites e mediar a realidade, auxilia na capacidade de postergar a satisfação e elaborar a ausência.
- Simbolização e linguagem: A função paterna introduz a criança no campo simbólico, possibilitando o acesso à linguagem e ao pensamento abstrato.
- Constituição do Superego: Ao representar a lei e a alteridade, o pai contribui para a formação da consciência moral, do senso de responsabilidade e da regulação dos impulsos.

#### **2.4 O Impacto da Ausência Paterna no Desenvolvimento da Subjetividade**

A ausência paterna ou a falha no exercício adequado da função paterna pode prejudicar o desenvolvimento da subjetividade da criança, afetando sua capacidade de internalizar limites e normas sociais. Winnicott (1975) enfatiza que a figura paterna oferece um suporte emocional fundamental para o desenvolvimento da autonomia da criança. Quando esse suporte está ausente, a criança pode desenvolver dificuldades na construção de sua identidade, na tolerância à frustração e na capacidade de lidar com as adversidades da vida.

A ausência paterna também pode afetar a relação da criança com a autoridade e com a sociedade. A figura paterna é muitas vezes associada à autoridade e à proteção das normas sociais. Sem essa referência, a criança pode apresentar dificuldades em compreender e respeitar os limites impostos pela sociedade, o que pode gerar comportamentos desadaptativos ao longo da vida. Além disso, a fragilidade da função paterna pode comprometer a formação de um Superego saudável, resultando em uma dificuldade em internalizar valores morais e normas sociais.

A ausência ou inadequação da figura paterna pode resultar em dificuldades na capacidade de simbolização, vulnerabilidade psicológica e desafios na gestão das emoções, afetando a habilidade do indivíduo de interagir com o mundo ao seu redor.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A função paterna é um pilar fundamental na constituição do psiquismo, influenciando diretamente a estruturação da personalidade, a regulação emocional e a capacidade de inserção

na sociedade. Tanto Freud, ao desenvolver o conceito do complexo de Édipo, quanto Winnicott, ao enfatizar a sustentação emocional, destacam a importância do pai na formação das instâncias psíquicas e no amadurecimento da criança. Freud evidenciou o papel do pai na internalização da lei e na constituição do Superego, enquanto Winnicott ampliou essa visão, destacando a necessidade de o pai atuar como base emocional para a mãe e para a criança.

À medida que as configurações familiares se diversificam, a função paterna não pode mais ser entendida de forma restrita à figura biológica do pai, mas deve ser vista como uma função que pode ser exercida por qualquer figura que desempenhe esse papel de interdição, limitação e apoio afetivo. A ausência ou fragilidade dessa função pode gerar impactos significativos no desenvolvimento psíquico da criança, dificultando a formação de uma identidade sólida, a internalização de limites e a capacidade de lidar com frustrações, o que compromete a saúde mental e o desenvolvimento emocional ao longo da vida.

Joel Birman (1994) ressalta que o pai não se limita à imposição de limites, mas também atua como aquele que representa, facilita o acesso e insere o indivíduo na cultura. Essa perspectiva reforça a ideia de que a função paterna é dinâmica e multifacetada, essencial para o amadurecimento psíquico saudável.

A função paterna é crucial para a constituição do psiquismo e para o desenvolvimento saudável da subjetividade. Sua influência na formação das instâncias psíquicas (Id, Ego e Superego) é fundamental para o amadurecimento emocional e psicológico da criança. A ausência ou fragilidade dessa função pode gerar dificuldades na internalização de limites, na tolerância à frustração e na construção de uma identidade sólida. A compreensão do papel da função paterna, especialmente em contextos familiares e sociais contemporâneos, é essencial para promover o desenvolvimento saudável das futuras gerações.

Dessa forma, compreender as diferentes formas de exercício dessa função e seus impactos no desenvolvimento emocional e social da criança é fundamental para a promoção de uma infância e uma adolescência mais equilibradas, tanto no contexto familiar quanto nas esferas sociais em que o sujeito se insere.

## REFERÊNCIAS

BIRMAN, J. **Freud e a Cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

BIRMAN, J. **O Pai e a Função Paterna**. São Paulo: Editora Ágora, 1994.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**, (1901/1905). São Paulo: Companhia das Letras, 2010

FREUD, S. O Ego e o Id, autobiografia e outros textos (1923-1925). *In*: FREUD, S. **Obras Completas de Sigmund Freud**: volume XVI. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. O declínio do complexo de Édipo (1924). *In*: FREUD, S. **Obras Completas de Sigmund Freud**: volume XVI. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

NASIO, Juan-David. **O Prazer de Ler Freud**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

OUTEIRAL, José. **Introdução à Clínica Psicanalítica da Infância e Adolescência**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2012.

WINNICOTT, Donald W. **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, D. W. **O Ambiente e os Processos de Maturação**. Porto Alegre: Artmed, 1983.

WINNICOTT, D. W. (1975). **A Família e o Desenvolvimento Psíquico**. Rio de Janeiro: Editora Imago.